Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



JUDY GARLAND, a conhecida estrêla da M-G-M, casou, há poucos dias. «Animatógrafo» publica, neste número, uma notícia dêste acontecimento

2.ª SÉRIE — N.º 41 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 18 DE AGOSTO DE 1941 — PREÇO 1$50



JEAN ARTHUR

Jean Arthur vai tomar banho — a coisa mais sensata que se pode fazer nesta época de canícula. E pareceu-nos tão engraçada a sua atitude gaiata ao ver-se surpreendida pela objectiva do fotógrafo, que decidimos dar-lhe as honras duma página. Estamos certos que os nossos leitores concordarão, mesmo que não sintam um «fraquinho» especial pela intérprete preferida de Frank Capra. Confessamos no entanto não compreender muito bem como pode um cinéfilo não lhe dedicar um cantinho àparte, no seu album de predilecções cinematográficas. É que Jean Arthur é uma artista singularmente atraente, porque alia a um indiscutível talento artístico um poder de simpatia pouco vulgar. Há nas suas expressões, nas suas atitudes, nas suas «reacções», uma franqueza, uma decisão, uma sugestão de energia, optimismo e vitalidade que lhe ficaram talvez do tempo em que lutava pela vida em Nova Iorque como modêlo de publicidade. Isso lhe permite interpretar a primor heroínas desembaraçadas e decididas como a «Miss Dinamite» do «Buffalo Bill» — uma rapariga que guiava os três cavalos duma diligência com a autoridade do postilhão mais endurecido. Mas a sua profunda feminilidade, a sensibilidade do seu temperamento de mulher e de comediante, a sua graça maliciosa permitem-lhe também desempenhar por forma inexcedível figuras completamente opostas, como a burguezinha garrida de «Bigamia». É de certo a coexistência dessas duas somas de qualidades diversas que a tornam a intérprete ideal das raparigas modernas que trabalham e vivem a vida áspera e vulgar das cidades do nosso tempo — uma intérprete cheia de verdade e cheia de talento. Recordem-se as jornalistas do «Doido com juízo» e do «Peço a Palavra!», a dactilógrafa do «Não o levarás contigo!», a caixeira de «O Diabo e a Menina» — e ver-se-á que temos razão.

E depois Jean Arthur sabe representar com uma naturalidade tal que nos dá a impressão, quando a vemos da platéia, que é uma pessoa muito nossa conhecida, com quem costumamos passar plácidos serões de intimidade e cavaqueira. E depois Jean Arthur sabe, talvez como ninguém, representar com os seus olhos límpidos, exprimir com êles tudo o que é preciso. E depois Jean Arthur tem uma voz «onde a alegria e a gravidade encontraram um timbre comum, estranho e inconfundível», como já escreveu um seu admirador convicto. Enfim há um sem-número de razões que justificariam até uma poesia romântica — quanto mais esta nossa apologia cinéfila! — A. M.

2.ª série / N.º 41 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276. Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

18 de Agôsto de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

UMA CARTA DE LOUIS JOUVET PARA ALVES DA CUNHA



Louis Jouvet

Embora nunca tivesse visto representar Louis Jouvet no teatro — e decerto está no mesmo caso a grande maioria dos leitores de «Animatógrafo» — tinha há muito a impressão de que o conhecia perfeitamente. Essa impressão foi ratificada duma forma definitiva, iniludível, quando o conheci pessoalmente há dois meses numa agradável reùnião organizada em sua honra por António Ferro, durante a curta passagem por Lisboa do intérprete e encenador quási encartado das peças de Jean Giraudoux. O fenómeno só pode ter uma explicação: Louis Jouvet possui uma personalidade tão vincada, tão especial e tão «pessoal» que se impõe através de tudo o que lhe diz respeito — interpretações cinematográficas, entrevistas, críticas ou estudos de outras pessoas sôbre os seus trabalhos, etc. Decerto sucede o mesmo a quem seguiu a sua carreira teatral, viu os filmes que interpretou, leu o seu admirável livro *Réflexions du Comédien*, prestou alguma atenção ao que nos últimos dez ou quinze anos escreveram a seu respeito alguns jornalistas franceses, como Lucien Dubech, ou Pierre Brisson, ou Robert Brasillach. A sua personalidade transpirou de tudo isso e forneceu-me uma imagem justa e viva do homem de teatro e do homem *tout court* que é na realidade Louis Jouvet.

A sua interpretação naquele excelente filme de Marc Allegret *Entrée des Artistes*, que teve em Portugal a particularidade de ser baptizado com dois nomes «Gente Nova» e «Ciume», completou-me o retrato de Jouvet, o retrato que eu desenhara ou impressionara no meu espírito, mostrando-o numa faceta da sua actividade — e uma das mais importantes e reveladoras, por certo — que até aí estivera escondida: a sua acção como professor do Conservatório de Paris, função que desempenha normalmente na vida tal como desempenhara nesse filme, em que o vimos dar lição a discípulos e discípulas com uma naturalidade que impunha a sugestão de simples reportagem.

Desde então julguei ter dado os últimos retoques ao meu retrato de Jouvet. Mas verifico agora que me enganei.

Uma atitude simpática

Dois factos recentes, ambos ligados à sua passagem por Lisboa (e um dêles ainda inédito para o público), vieram provar-me que êsse meu retrato estava incompleto e vieram afinal acrescentar-lhe o calor de humanidade que, pelo menos, lhe faltava.

Como homem e como artista Louis Jouvet deu-me sempre uma impressão de dureza e altivez naturais, de ironia inata e imperativa, próprias de um verdadeiro aristocrata intelectual. O seu olhar agudo e imperioso, a sua dicção contrastada e articulada com ligeira afectação, o carácter dos papéis que geralmente interpreta, oscilando entre a superioridade olímpica e o cinismo frio e franco — tudo isso terá contribuído para afeiçoar com rigidez excessiva e tintas demasiado ácidas o retrato que dêle imaginara, para meu uso pessoal.

Verifico agora que a minha imaginação fôra — pobre de mim! — simplista demais.

A natureza humana — e bendito seja Deus por isso — é sempre mais complicada, mais vária, mais matizada, do que a imaginação do comum dos mortais. O caso não é para tanto, porque senão viria a propósito lembrar aquela apóstrofe célebre de Hamlet:

«Há mais coisas sob o céu e sôbre [a terra, Horácio,
«Do que pode sonhar a tua filo-[sofia!»

O primeiro dos sucessos a que acima me referi já os leitores do «Animatógrafo» por certo conhecem, visto que foi revelado pelo «Diário de Notícias» dias depois de Louis Jouvet partir de Lisboa, com a sua companhia, a caminho da América do Sul.

Jouvet quis consagrar integralmente a obras de beneficência a receita do espectáculo que deu no Teatro Nacional D. Maria II, no qual falou sôbre a arte de representar e encenar peças teatrais ilustrando as suas palavras com algumas cenas de *L'École des Femmes* e da *Ondine*, acompanhado por Madeleine Ozeray. O mesmo destino deu Louis Jouvet ao produto da venda suplementar de bilhetes feita no Instituto Francês, que foi entregue à Caixa de Assistência aos Actores e Profissionais Portugueses de Teatro. E — pormenor especialmente significativo — Jouvet exigiu absoluto segrêdo sôbre estas suas decisões até se encontrar fora de Portugal.

Desde que tive conhecimento desta linda atitude do intérprete de «O Fim do Dia», o meu retrato de Louis Jouvet passou a ter coração.

A carta de Jouvet dá uma boa notícia

O outro facto a que atrás aludi levanta o véu sôbre outro aspecto do carácter de Jouvet — e de forma ainda mais expressiva, no meu entender.

Há dias as circunstâncias proporcionaram que Alves da Cunha

(Conclui na 12)

DOIS CASAMENTOS NO MUNDO DO CINEMA

Chega-nos a notícia de que Judy Garland, a famosa estrêla de cinema que tanto admirámos em «Feiticeiro de Oz» e «De Braço Dado» abalou, por via aérea, de Hollywood para Nevada, onde vai consorciar-se com um director de orquestra que tem 31 anos de idade.

Sabe-se que o mundo cinematográfico de Hollywood, que se preparava para assistir a um imponente casamento como é hábito na cidade das ilusões e como acontecera ainda há pouco com Deana Durbin, ficou absolutamente desiludido.

Com intervalo de poucos dias, informam-nos também que Jackie Coogan, o famoso «Garoto de Charlot», e que era divorciado da encantadora Betty Grable, que admirámos em «Sinfonia dos Trópicos», consorciou-se com uma beldade de Hollywood. Não diz a informação quem seja a noiva, mas isso não impede que a consideremos tanto ou mais linda do que Betty Grable, visto Jackie Coogan ter sempre demonstrado certo dedo na escôlha de elemento feminino.

Já lá vai o tempo em que os cinéfilos julgavam que os astros e as estrêlas eram só dêles e não conheciam o travo agridoce do amor terreno. Hoje, desde que se convenceram de que uns e outras são de carne e ôsso como qualquer mortal, até gostam de saber que os seus ídolos já têm ideias sérias e formam os seus lares, à sombra dum grande amor...

Um grande amor é que será fôrça de expressão porque êle é frágil e quebradiço — excessivamente frágil e quebradiço — em terras de Hollywood.

O ressurgimento do CINEMA ITALIANO

Por A. DE CARVALHO NUNES



Em «La Dona senza nome», Paola Barbara e Frederico Benfer têm duas grandes criações

No último número, ao descrevermos sucintamente «A marcha do cinema italiano», dissemos que para além da morte de Stefano Pittaluga, ocorrida em 1931, se projectava nos meios cinematográficos de Itália o exemplo da fé e da tenacidade do jovem restaurador.

Os seus esforços, a sua capacidade de trabalho, tinham merecido o patrocínio do govêrno, e desde então o Estado jámais deixou de acompanhar com sumo interêsse tudo o que se relacionasse com o cinema.

A criação da Direcção Geral da Cinematografia, a fundação do «Istituto Nazionale L. U. C. E.», a intituïção do Centro de Estudos Cinematográficos, a concessão do «Crédito Cinematográfico», as medidas tomadas quanto à entrada de filmes estrangeiros e, em contra-partida, o estabelecimento da «Unione Nazionale Esportazione Pellicole» — são outros tantos panos importantíssimos da acção governativa, e matéria cujo desenvolvimento traria enormes proporções a estas noções assás elementares.

Ainda é ao Estado que se deve êsse soberbo instrumento de trabalho que se chama «Cinecittà», a Cinecittà del Quadraro — os mais vastos e bem apetrechados estúdios da Europa, aonde a Alemanha está agora a tirar preciosos elementos de estudo para a reorganização da sua indústria cinematográfica.

No entanto, tôdas estas providências não nasceram como outros tantos «balões de oxigénio» que viessem dar vida artificial a uma indústria sem condições para se manter. Nada disso. O Estado acorria solícito a remediar os males, de variada natureza, nados e criados com a iniciativa particular. Mas a indústria, uma vez provida duma organização forte e estável, de direcção corajosa e dedicada, dum financiamento isento de especulações e obedecendo às boas regras da economia, tinha condições de sobra para marchar, com passos seguros, na rota dum auspicioso destino.

Os números não regem o mundo, como afirmava um filósofo amante de frases lapidares, mas são às vezes mais eloqüentes que um bem arquitectado discurso.

E os números são estes: no ano de 1939 venderam-se, em Itália 359.000.000 de bilhetes de cinema, que produziram a receita bruta de 595 milhões de liras, e no ano de 1940 estas verbas subiram — em plena guerra! (alarmes aéreos, deminuïção de meios de transporte, ausência da parte do público que está empenhada nas frentes de combate) — para 386 milhões de bilhetes, que renderam 640 milhões de liras.

Para 1941 prevê-se que esta importância se eleva a 730 milhões.

Agora acreditará fàcilmente, o leitor que *o mercado interno só por si paga completamente a produção e ainda dá ao capital empregado uma suficiente compensação.*

A «Unione Nazionale Esportazione Pellicole», centralizando os serviços de exportação, não só facilita esta, como lhe concede preços vantajosos — o que mais reforça a situação económica da indústria.

Por outro lado, a instituïção denominada «Crédito Cinematográfico», ao prestar a sua assistência financeira não deixa de exigir obediência às boas normas de economia e organização que regem qualquer indústria, sem tolher a iniciativa privada.

* * *

Sob o ponto de vista quantitativo, os números seguintes traduzem a actividade dos estúdios italianos, na última década:

1930	— 12	filmes
1931	— 13	»
1932	— 25	»
1933	— 30	»
1934	— 31	»
1935	— 47	»
1936	— 41	»
1937	— 46	»
1938	— 45	»
1939	— 80	»
1940	— 84	»
1941	— 85	» (previsto)

De 1930 a 1934 a produção vai aumentando lentamente; êsse aumento torna-se mais sensível a partir de 1935, quando as medidas governamentais fazem sentir o seu pêso. O facto de em 1939 a produção quási duplicar, exige uma explicação.

É a altura de falarmos do Monopólio — que trouxe ao Cinema italiano o seu «espaço vital». Questão de vida ou de morte, esta de abrir as portas dos cinemas de Itália ao filme italiano!

Porque a produção americana afluia ao mercado num ritmo crescente, acabando por ocupá-lo, a bem dizer, exclusivamente. O público conformava o seu gôsto ao paladar de Hollywood e criava predilecção enraïzada pelas estrêlas mais em voga.

No campo económico era impossível à produção italiana competir com esta concorrência.

Foi então que o govêrno chamou a si o Monopólio da importação de filmes de tôda e qualquer origem, com o propósito de só se importar na medida em que o cinema nacional não pudesse cobrir as necessidades do espectáculo.

Garantindo materialmente a indústria da casa, o Monopólio alcançava também um outro objectivo digno de ser sèriamente encarado: pôr um dique à invasão de filmes estrangeiros eivados de intenções imorais e depressivas.



Vivi Gioi, a Ginger Rogers italiana, é uma das intérpretes de «L'amante Segreta», de Gallone

Mentiríamos se dissessemos que as disposições tomadas encontraram na América um acolhimento gracioso...

As grandes emprêsas americanas, que não importavam os filmes italianos, acharam escandaloso que a Itália seleccionasse, em qualidade e quantidade os filmes americanos que importasse. E vai daí *proïbiram* a exportação para a Itália dos seus filmes... colocando o intercâmbio cinematográfico entre os dois países num verdadeiro pé de igualdade.

Aliás, tal regime impertinente de sanções só veio animar extraordinàriamente a indústria do cinema italiano.

E se a produção, que quási duplicou em 1939, não tomou no ano seguinte ainda maior alento, deve-se isso à entrada do país na guerra. Já é de admirar que, apesar de tudo, se tenha mantido no mesmo nível em época tão perturbada.

Efectivamente reflecte-se aqui o cuidado que merece hoje o cinema nacional, que mantém o seu lugar e se dispõe a maiores cometimentos a despeito de dificuldades de tôda a natureza que a guerra, por fôrça, há-de provocar.

* * *

Depois do aspecto quantitativo, o qualitativo.

Segundo dados merecedores de crédito, cinqüenta por cento da



Uma bonita cena de exteriores de «Beatrice Cenci», com Carola Höhn e Osvaldo Valenti

(Conclui na 13)

PANORÂMICA

Filmes Alcântara

Recebemos de Filmes Alcântara, um esplêndido catálogo referente a 57 filmes para a temporada 1941-1942.

A leitura atenta dêsse esplêndido livro leva-nos à conclusão de que a conhecida firma distribuidora tem 57 grandes produções, seleccionadas a rigor e que vão constituir êxito artístico e comercial. São 57 obras perfeitas, das melhores saídas dos estúdios da Nova Universal. Ao acaso, e a título de informação, diremos que Filmes Alcântara apresentarão, na próxima temporada, «Desfile da Primavera», com Deanna Durbin; «A menina dos meus olhos» com Gloria Jean; «Riquezas da sua avó», com Mae West; «Sete Pecadores», com Marlene Dietrich e John Wayne; as famosas «Noites argentinas», com os irmãos Ritz; «A esquina do pecado», com Charles Boyer e Margaret Sullavan; e outros com Baby Sandy, Lupe Velez, Freddie Bartholomew, os novos cómicos americanos Abbott e Costello, a que já nos temos referido; Basil Rathbone, Sigrid Gurie, Boris Karloff, W. C. Fields, e outros, muitos outros.

Da leitura do catálogo, ficou-nos a impressão de que Filmes-Alcântara vão ter uma excelente temporada, pelo que é caso para felicitarmos aquele distribuidor — e, bem assim, o público que beneficiará de tão acertada selecção.

Importadores de filmes

O meio cinematográfico português foi enriquecido por mais duas firmas importadoras de filmes. Uma, que usa a razão social «Portugal-Filme», trará até nós oitenta filmes, na sua maioria alemães, polacos e franceses. A outra, que se intitula «Filmes Triunfo», conta favorecer a importação de filmes, de modo a abastecer o nosso mercado e a suprir qualquer deficiência que as actuais circunstâncias possam originar.

As duas emprêsas, «Animatógrafo» apetece as maiores prosperidades.

O «Film-Kurier» veio a Portugal

Guilherme L. Kristl, correspondente em Madrid do «Film-Kurier» de Berlim, veio a Lisboa e deve ter ficado a fazer uma ideia bastante completa e exacta do que é o cinema português e do que são as suas possibilidades, pois conversou demoradamente com António Lopes Ribeiro, Leitão de Barros, Jorge Brum do Canto, Artur Duarte, e outros de menos fama; visitou a redacção do «Animatógrafo» onde lhe foi oferecida uma colecção completa da nossa revista; esteve nos escritórios da Produção António Lopes Ribeiro (onde se mostrou encantado com o que viu); assistiu nos estúdios da Tobis a filmagens para «Os Lobos da Serra» (de que Brum do Canto lhe mostrou algumas cenas); esteve no Secretariado da Propaganda Nacional, onde falou com o dr. António de Meneses e viu vários filmes produzidos por aquele organismo (entre êles «A Revolução de Maio»); admirou os laboratórios da Lisboa-Filme; etc., etc.

O jornalista alemão pôde assim formar uma ideia do que é a actividade cinematográfica nacional e de certo transmitirá à sua revista — a mais importante publicação europeia sôbre cinema — a grande surprêsa que ela lhe deu e a boa impressão que mostrou sentir quando teve conhecimento das iniciativas e da colaboração do Estado português no campo cinematográfico.

A Guilherme Kristl — pessoa extremamente inteligente e simpática, que «Animatógrafo» teve muito prazer em conhecer — agradecemos o interêsse que mostrou pelas coisas cinematográficas nacionais e desejamos as maiores prosperidades.

Sem êxito não há CINEMA

No tempo em que as imagens ainda não falavam havia uma espécie de cinéfilos que só admitiam no Cinema a pura especulação intelectual e artística e se batiam por tôdas as formas e feitios para que cada filme fôsse uma obra de arte — perdão! de Arte, com maiúscula. Também sofri dessa bretoeja nefelibata — mas depressa me curei, como aliás aconteceu a todos ou quási todos os carolas dêsse tempo. Essa carolice caracterizava-se no entanto por uma coisa que a desculpava: a sua sinceridade. Queriamos o «cinema puro», o cinema encharcado em arte, escravo da Arte (com maiúscula), por amor ao Cinema, por interêsse, curiosidade e amizade por essa nova linguagem, essa nova forma de expressão misteriosa e empolgante — quási tão misteriosa e empolgante como ainda hoje o é.

Hoje, porém, os sequazes do Cinema-Arte (com maiúscula) já não têm essa desculpa. Já não a têm porque lhes falta o cândido quixotismo, a lisura de intenções, o amor do Cinema pelo Cinema, que nos animavam na época heróica e já longínqua em que Chaplin era o nosso deus, o Dr. Paul Ramain o nosso profecta — e «o ângulo» o nosso símbolo, pelo qual juravamos vencer ou morrer. Agora, os nossos sucessores são fanáticos por tudo menos pelo Cinema. Arvoram-no como um pendão, incensam-no como a um ídolo — mas apenas para mascarar os seus intuitos, para disfarçar os seus verdadeiros desígnios, tal e qual como se vestem de azul para esconder o vermelhusco das suas intenções e das suas convicções.

Não nos compete aqui velar pelos disturbios ou tentar impedir os prejuízos que êsses pseudo-fanáticos do Cinema possam causar no plano geral. Mas arrogamo-nos o direito de, por amor do Cinema, por amor — agora sim! — do cinema puro, desmascarar essas manobras que só o podem prejudicar. E não nos arrependeremos se os nossos esforços no campo estritamente cinematográfico tiverem qualquer reflexo no plano geral.

A melhor maneira de desmascarar essas manobras está no combate às ideias falsas que os manobradores defendem. E ideia falsa é a de que o Cinema se fez para servir o «eu» e o «eterno» na arte — ou outras mirabolâncias dêste jaez. E ideia condenável é a de que os filmes devem ser tristes, amorais e frenèticamente, inexoràvelmente realistas.

O Cinema deve aspirar, como Molière, a divertir honestamente a gente honesta, acima de tudo. A sua função fundamental é a de distrair os homens — e grande e honroso título de glória é êsse. Entenda-se no entanto que distrair os homens é uma coisa e lisonjear os seus baixos instintos, adular os seus gôstos reles ou a sua mediocridade de sentimentos morais, espirituais e artísticos — é outra.

A vida será dura, e agreste, e torpe, por vezes; mas não compete ao Cinema levar os homens a desesperar da vida, a revoltarem-se contra ela — atitude pelo menos absurda e inútil.

A grande obra do Cinema — verdadeira obra de misericórdia — está em ajudar os homens a suportar e a vencer as agruras e as torpezas da vida. Não que a sua acção deva ser idêntica à de um estupefaciente — mas sim à de um fortificante, à de um estimulante das energias morais, das faculdades de inteligência, das raízes da vontade. É a isto que chamo divertir honestamente os homens.

Louis Jouvet afirma que «no teatro não há problemas, há apenas um: o problema do êxito. Não há teatro sem êxito» — proclama. Penso que, quanto ao Cinema, e por maioria de razão, se pode — ou melhor, se deve dizer o mesmo. Note-se que esta opinião e a que defendi acima embricam perfeitamente, como engrenagens bem ajustadas: a missão é a de distrair — os homens só se distraem com o que lhes agrada — desde que se verifica o agrado dá-se automàticamente o êxito, e com êle a solução do seu problema — e essa solução é necessária porque:

SEM ÊXITO NÃO HÁ CINEMA!

DOMINGOS MASCARENHAS

Sabiam esta?

Na quinta-feira 10 de Julho próximo passado, filmaram-se, na Verbena Parque do Carcavelinhos, ali à Calçada da Tapada, cenas de conjunto do «novo filme português «Poema de Fátima» (conforme diz um programa que acabamos de ler).

Ora, muita gente, vendo em Fátima um «tiro» comercial, tem pensado nela para o cinema. Há muitos cães à volta dêste «ôsso».

Não estranhamos, pois, que exista (embora em embrião) um «Poema de Fátima». Simplesmente nos dá no gôto saber que a sua protagonista (segundo o tal programa) é Helena Darrieux, nem mais nem menos do que a mana da célebre Danielle Darrieux, e que os promotores da verbena apresentaram (a Helena) como sendo a protagonista de «Mademoiselle Mozart»! Isto é que é saber! A protagonista daque-

(Conclui na 13)

A PÁGINA DOS NOVOS

O CINEMA SOB DOIS ASPECTOS: CULTURA E DIVERSÃO

É vulgar, vulgaríssimo ouvir-se dizer o seguinte: hoje vou ao cinema faço tenções de me destrair. Tal facto verifica-se todos os dias, em casa, nos cafés, nos barbeiros, nos carros eléctricos, enfim em tôda a parte onde existem pessoas freqüentadoras de cinema. A maior parte procura no entanto, a diversão, não se importando com o elevado sentido moral que algumas obras encerram, nem tão pouco com as grandes realizações e interpretações; busca apenas uns momentos de distracção e quando começa a achar que o filme se vai prolongando, o fatal intervalo faz a sua aparição para o contentar, então êsse público sôlta um ah! de satisfação, antevendo o gôzo duma cigarrada, e o deleite de espraiar os olhares indiscretos. Outros, nem debaixo desta forma querem ver um filme, dizem que não se devem freqüentar os cinemas, porque nas suas brancas telas correm cenas duma maldade e duma imoralidade sem par. Quererão êles mais cenas de imoralidade do que as que correm quatidianamente em redor de nós?

Tentaram até impor um decreto que proìbisse os menores de freqüentarem os cinemas quando estes exibissem certos géneros de filmes (já não basta os que a censura não deixa vir a público); ora isto era ridículo e dava vontade de rir. Quantos menores não se encontram por êste mundo de Deus que dão mais provas de sensatez, de inteligência e de fôrça de vontade que muitos homens de cabelos encanecidos? E quantos menores de 18 anos (no Brasil procurou-se proìbir até aos 18 anos), não possuem a chave da porta e entram tarde em casa, sem por isso deixarem de ser bons rapazes?

Mas voltemos à questão das «maldades que o cinema ensina!».

Os filmes policiais e de «gangsters», obras como O «Denunciante», filmes duma grandeza admirável, haviam de ser banidos aos olhos dos jovens? Não! A justiça vence sempre, quando não a justiça dos homens, a justiça de Deus. Eis o que tais filmes nos mostram. Só é mau quem o quere ser, e só vê nos filmes actos de maldade perfeitamente adaptáveis à sua vida, aquele indivíduo sem escrúpulos que acha a sua existência ensonsa e que procura qualquer maneira de a modificar; mas não é o Cinema só que lhe vai indicar essa maneira, são as más companhias. Estas é que devem ser escolhidas.

Parece-me que levado pelo entusiasmo de defender o cinema sob todos os aspectos me estou afastando um tanto do ponto de vista que desejava tratar: «o cinema como diversão», o outro o das «maldades que o cinema ensina» é letra morta a que o público não ligou nenhuma e fez muito bem.

Estavamos então tratando daquele assunto que foca os indivíduos que vão ao cinema para se divertirem, por dois motivos: pelo que se passa no «écran» e pelo que acontece nos intervalos. Resolvo pôr ponto final sôbre êsse caso e ir tratar do outro, sem dúvida mais importante: «o cinema como cultura»; porque estou certo que os verdadeiros cinéfilos encaram o cinema sob dois aspectos, exactamente como eu O cinema como diversão só nasceu depois do cinema como cultura e curiosidade ter atingido um grau elevado do seu desenvolvimento.

Temos a focar várias perguntas:

— O cinema influi no carácter dos indivíduos?... talvez!

— Instrui-os?... de certo!

— Distrai-os?... também!

Ensina-lhes episódios históricos que êle ignorava no todo ou em parte, descreve-lhes a vida atormentada dos grandes homens, mostra-lhes as belezas naturais dum país ou as artificiais duma cidade; mostra-lhes ruinas por onde passaram civilizações antigas, e onde parece ainda manter-se de pé aquela fé que as caracterizava; por exemplo correu no Eden, juntamente com «Jezebel, a Insubmissa», um documentário muito notável; é interessante a maneira como vamos seguindo pelo o caminho que conduz «às ruínas de Palmira», cidade destruída por sucessivas guerras e terramotos, a viagem que os camelos fazem pelo deserto escaldante até chegarem ao oásis que existe no interior da cidade, o descanso dos árabes que é aproveitado pelo documentário para nos mostrar as mais grandiosas ruínas da cidade e os lugares prováveis dos seus templos maravilhosos, e vai-nos então explicando um pouco da História, depois os árabes deixam a cidade e penetram novamente no deserto onde as sombras da tarde já começaram a cair. Tudo isto em imagens magníficas que o esplêndido colorido favorece sumamente.

Tenho por «Doutrina» fazer artigos pequenos, dizer o que tenho a dizer com poucas palavras e sem grandes rodeios, por isso fico-me por aqui, recomendando apenas duas coisas:

1.º) Não fazer da vida um filme;

2.º) Quando se fôr a um cinema encarar o filme sob dois aspectos: cultural e diversão.

KADIK

CINÉFILOS...

Há ainda em Portugal, infelizmente, uma grande parte de pessoas que não aprecia o Cinema em geral como o deviam fazer!

Há pessoas que vão ao cinema (e isto já se está farto de dizer!) só por simpes passatempo como quem vai dar um passeio de barco ou andar um pouco de bicicleta; Outras há que vão ao cinema só para «fazerem vista» e fingirem que percebem muito «daquilo»! Finalmente há as poucas pessoas que vão ao cinema e que o compreendem como êle, de facto, devia ser compreendido por todos!

Hoje em dia há também uma grande parte de rapazes que se dizem cinéfilos mas que, pondo os pontos nos *ii*, não passam de simples espectadores que só vão ao cinema no intuito de verem ùnicamente os corpos quási despidos de muitas vedetas!

Evidentemente que eu não quero dizer com isto que não devemos ver os filmes duma Dorothy ou duma Betty Grable! Isso não! O que eu quero dizer é que se dê o valor obrigatório a cada um dêles! Que se saiba distinguir, por exemplo, a diferença que há entre a «Sinfonia dos Trópicos» e êsse célebre «They Knew What they Wanted» (O Outro). A «Sinfonia dos Trópicos» é um filme essencialmente musical o que, no entanto, não quere dizer que o filme não seja bom sob outros pontos de vista! «O Outro» é um filme completamente diferente do primeiro! O seu enrêdo mostra-nos (e de que maneira!) um conflito de almas, se assim se pode chamar a tão bem feito e realizado filme e os seus intérpretes vivem com espantosa realidade os seus dificílimos papéis!

Na América do Norte êste filme alcançou um enorme êxito. Porque é que entre nós, não obstante a grande publicidade feita à sua roda, esteve sòmente uma semana no Tivoli e isso mesmo, julgo, contra vontade de muita gente que o foi ver e que achou *aquilo* «uma coisa que acaba muito mal...»?

Qual a razão porque entre nós não alcançou o êxito que devia ter alcançado? Só há, creio, uma explicação plausível para semelhante fracasso: uma grande parte do nosso público não sabe ainda infelizmente, compreender as verdadeiras obras-primas!

Mas é preciso, e a todo o custo acabar duma vez por tôdas com essa incompreensão inadmissível que nos pode, talvez, também prejudicar involuntàriamente

SWING CINÉFILO

Comentário musical

O Comentário Musical é de primordial importância e filmes há que ficaram célebres pelos seus acompanhamentos musicais, doseados de sábia maneira.

As cenas ganham em poder de expressão e, sôbre tudo as dramáticas, atingem um notável relêvo, sendo assim o seu poder de sugestão altamente elevado.

Fritz Lang, o insigne encenador de «Matou», era partidário de que o acompanhamento musical deveria ser feito no próprio momento da interpretação, alegando que isso auxiliaria muito os actores.

Nada de mais justo, pois certamente o comentário musical exerceria larga influência sôbre os actores, fazendo com que estes emprestassem mais humanidade e emoção aos seus papéis. É sabida a preponderância que a música exerce sôbre os espíritos e, por certo, os actores sentiriam a sua influência, ganhando com isso a sua actuação.

Um simples acorde ou uma vibrante sinfonia são suficientes para realçar uma cena que sem elas nunca atingiria tal grau de perfeição. Ainda esta época tivemos um filme com um comentário musical primoroso: «O Monte dos Vendavais».

O seu autor, Alfred Newman, é já consagrado e muitas super-produções têm a engrandecê-las o prestígio do seu talento.

JOSÉ BARBOSA

Correio dos novos

MARIA GIL — Já não têm conto os teus artiguinhos. Se fôsse fica sem cinema» e «Filmes dois ou três números de «Animatógrafo». Vejo com satisfação que tens feito progressos. A tua persistência e a tua fôrça de vontade encantam-me. Oxalá não desistas. Brevemente, sairá um dos teus trabalhos.

OUBLI — Cá recebi o «Assim se fica sem cinema» e «filmes Padrões». Sairão na primeira oportunidade.

DOIS VAGABUNDOS — Sim, senhores, é assim mesmo. Vou aproveitar a prosa.

ENCONTROS E DESENCONTROS DO CINEMA PORTUGUÊS COM PORTUGAL

COIMBRA FOTOGÉNICA

Por ACÁCIO LEITÃO

IV

O nosso *caloiro* do ano passado, já é segundanista, *nunca foi caloiro* e está instalado na mesma *república*, gozando a consideração dos seus companheiros que, enfim, o tratam como gente, e troçando e perseguindo o jovem *caloiro* que, como êle, embora pareça não se lembrar, chegou da província nos princípios de Outubro, com as suas ilusões e as suas ansiedades, as suas fantasias e as suas aspirações.

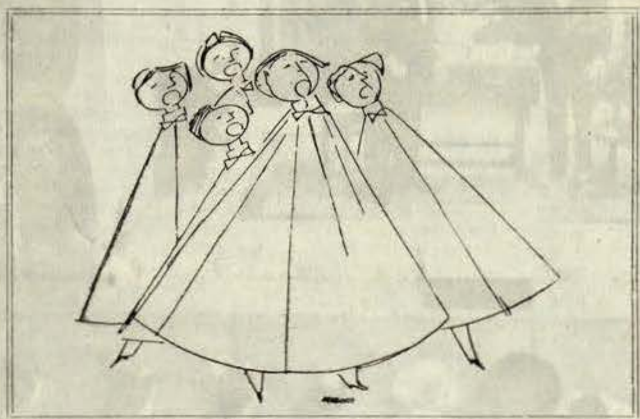
O segundanista saboreia agora a vida livre, a independência das suas iniciativas, que capricha em tomar com evidência e realce.

Ao jantar, olhando de soslaio o pobre caloiro, encolhido e vexado, na *sua insignificância*, determina, com a enfase das grandes resoluções, ir ao cinema, cear depois, talvez, passar tôda a noite de véspera de feriado na estúrdia coimbrã e tradicional, despreocupada e alegre.

Mandou fazer outro fato de capa e batina, com tôdas as exigências, e é vê-lo no teatro, no intervalo, em pé, nas primeiras filas da plateia, mirando os camarotes, fumando o seu cigarro, dizendo a sua opinião, solene ou risonha.

Relaciona-se então, intimamente, com Coimbra, com os meios que Coimbra oferece indulgente e amoràvelmente, proporcionando aos rapazes os mais diversos modos de viver, de se educarem, de definirem e fixarem os seus caracteres. Conhece, assim, curiosamente, os *boémios*, os literatos, os janotas, os desportistas, e freqüenta as clássicas *tascas* em que encontra o clássico estudante e a tricana clássica, a guitarra, o fado erudito e inspirado, os pequenos dramas da mocidade; passa, à tarde, pelas portas das livrarias, onde se discutem as novidades literárias; toma o seu chá ou o seu *whisky*, com discreto alarde, na Pastelaria Central, entre mesas ocupadas por senhoras; vai, de manhã, até ao *tennis;* não deixa de dar, por vezes, a sua volta pela paisagem; não falta aos ensaios do orféon que o levará, nas suas excursões, a conhecer o nosso país; estará, de quando em quando, o seu bocado de noite na Associação Académica.

Entretanto, o nosso segundanista foi um autêntico campeão da praxe; esteve à Porta Férrea, no primeiro dia de aulas, a dar a *pastada;* organizou *Troupes*, para *castigar caloiros* recalcitrantes e notívagos; entrou, até na *Troça* que se fez na primeira aula dum lente novo.



Assim decorreu êsse segundo ano, ano de iniciações, vivido com intensidade, com nascente prestígio, com inéditas emoções.

O terceiro e o quarto ano são,



por assim dizer, a maturidade, na vida académica, anos em que já cada rapaz assentou nos seus hábitos, afirmou as suas tendências e os seus gostos, naturalmente se instalou nas condições de vida que as suas circunstâncias e o seu temperamento lhe indicaram.

Temos então, definitivamente, o *cábula*, o *músico afinado* ou o *urso*, o *estroina*, o poeta, o jogador de *foot-ball*, o freqüentador de chás-dançantes, o político, o amoroso. Por vezes, chegam a estar em perigo tôdas as intenções com que a família o mandou para Coimbra, tôdas as determinações com que ali entrou.

Certas ligações com *tricaninhas* gentis parece quererem ficar para tôda a vida, trazem à formatura umas horas de tragédia, nos últimos dias de Coimbra, na inevitável separação.

Depois, Coimbra é, à sua maneira, uma Rocha Tarpeia.

Ali mesmo, já se falha ou se triunfa.

A troça, a caricatura, a ironia, são armas tremendas nas mãos da mocidade.

Quem tenha escapado a uma alcunha depreciativa, a uma anedota de que seja o picaresco protagonista, ao ridículo de ditos e feitos que lhe atribuam, pode considerar-se, um pouco, o herói duma longa e brava batalha, pode contar com outras vitórias na vida.

Mas o que não teve energia e espírito para reagir, para se defender, para se impor, também já sabe que tropeçará sempre nas suas fraquezas, nas suas ingenuïdades, ou nos seus pecadilhos do passado coimbrão.

Quando chega, finalmente, o quinto ano, o estudante normal não pensa senão em formar-se, em se preparar para entrar na vida prática, em ir desenhando, imaginativa e ansiosamente, os seus destinos.

Com que alegria não deitou êle à fogueira, no fim do ano anterior, o *grêlo* que lhe atava a pasta, nessa graciosa e movimentada festa da *queima das fitas*, com o seu cortejo burlesco, e a atroante audição dos *Zés-Pereiras!*

Este ano terá a sua récita, a *récita dos quintanistas*, a que virão os seus convidados, a família, a noiva, os amigos mais íntimos, e só depois de os acompanhar aos hotéis em que se hospedem, poderá dizer a Coimbra o seu último adeus de rapaz, de moço, de gaiato, já com certa saüdade de quanto ali viveu, desde que, quási ainda menino, começou a ver-se tratado por *doutorzinho*, até já o tratarem por colega os diplomados no seu curso.

E nunca mais Coimbra deixará de estar na sua memória, com uma espécie de ternura e uma espécie de nostalgia que lhe dará as grandes e belas horas de recordar o passado...

Estranho é que Coimbra, tão original, tão sugestiva, tão característica, não tenha há muito atraído os realizadores do cinema nacional.

Promete-nos, porém, António Lopes Ribeiro um filme de costumes académicos, «*A república dos pardais*» e é de esperar que êsse filme se passe a uma luz de sonho, à luz de sonho em que se vive a quási sonhada vida coimbrã.

«O PAI TIRANO ou O último dos Almeidas»

Drama em dois actos representado no Teatro dos Grandellinhas, no estúdio da Tobis Portuguesa



Diante duma plateia atenta e comovida, representa-se uma cena do empolgante drama, interpretada por Vasco Santana e Barroso Lopes

Quando o pano subiu, o teatro dos Grandellinhas estava cheio. Havia entusiasmo e calor, não se sabendo ao certo qual dêles predominava, mas a verdade é que não veio um só golpe de vento arrefecer o interêsse da selecta assistência.

E não é porque as coisas decorressem, para além da ribalta, num suavíssimo sossêgo. Aqui para nós, que tôda a gente nos lê, no palco ia um reboliço de criar bicho e mestre Santana já não sabia ao certo se devia servir-se da tranca para bater as três pancadas de Molière, se para dar com ela na cabeça do Chico, que estava farto de espreitar pelo olhal do pano, porque descobrira Tatão entre a assistência.

A Tatão — e o Duarte, porque, para cúmulo das desditas e angústias do Chico, até aquele apareceu na sala de espectáculos, impecável no seu fato de bom corte, flamante com o seu bigode de cínico americano.

Subido o pano, começou a representar-se o drama — e a viver-se a tragédia. O *embroglio* era enorme. A confusão redobrava a cada passo. E o público pagante, num doce enlevo, aplaudia sempre, sem se aperceber de que um segundo drama corria paralelo ao da peça que se representava.

A páginas tantas, apareceram no palco, os carpinteiros de cena, a balbúrdia generalizou-se — mas a assistência continuou a aplaudir e a entusiasmar-se.

O pitoresco era espantoso, as situações irresistíveis.

Agora a sério

Mais de uma centena de figurantes enchia o teatrinho construído no estúdio da Tobis Portuguesa. Essa figuração foi, tôda ela, recrutada no Serviço de Selecção de Intérpretes da Produção António Lopes Ribeiro, que tem, presentemente, cêrca de mil inscritos, o que demonstra o interêsse despertado pelo novo filme.

Nas filmagens da cena do teatro, intervieram os seguintes artistas: Emília de Oliveira, Luiza Durão, Laura Alves, Tereza Gomes, Sofia Santos, Regina Montenegro, Vasco Santana, Ribeirinho, Arthur Duarte, Armando Machado, Joaquim Prata, Seixas Pereira, Barroso Lopes, Reginaldo Duarte, Pereira Saraiva, Henrique de Albuquerque, a estreante Leonor Maia e a artista cinematográfica Graça Maria.

O cenário, da autoria de Roberto Araújo, é característico e dá vontade de pegar nele e de o levar para casa. Tem característica e forma um «complexo» que reúne palco e plateia, bufete, camarins e corredores.

Nós, que assistimos às filmagens, gostámos de ver, principalmente, a organização e a disciplina existentes. António Lopes Ribeiro, produtor e realizador de «O Pai Tirano» deu as indicações necessárias e todos cumpriram sem dificuldade, destacando-se até certos elementos que revelaram condições e que — segundo alguém nos disse — vão ser experimentados, mais tarde, noutros trabalhos.

No dia da grande figuração, a colmeia da Tobis Portuguesa acordou cedo.

Às 7 horas da porta, chegou Leonor Maia, que principiou a ser caracterizada. Às 8 horas, chegaram os figurantes, que passaram imediatamente para as mãos do caracterizador.



Filma-se um dos episódios mais cómicos de «O Pai Tirano»: os ensaios da peça, que são dirigidos por mestre Santana...

«O trabalho decorreu normalmente, sem pressas nem atrazos, chegando-se, nesse dia, a exceder o plano previsto. Assim, depois da figuração se ter retirado, a equipa técnica continuou a filmagem.

César de Sá, o operador, que sofre com a canícula, passou um dia trágico porque, de facto, havia ali uma temperatura tropical.

Sousa Santos, técnico do som, refugiava-se no camião ou ia afogar o calor nos refrescos da cantina.

A propósito, devemos dizer que César de Sá continua a afirmar-se um talentosíssimo operador e que Sousa Santos está como um peixinho na água, a registar sons.

Mais sério ainda

Como os leitores sabem (isto é modo de dizer, claro, pois talvez não tenham fixado a data) «O Pai Tirano» é o primeiro trabalho da Produção António Lopes Ribeiro, cujas filmagens começaram em 7 de Julho. «O Pai Tirano» está quási pronto, faltando apenas alguns dias — poucos dias — para o filme sair do estúdio.

No próximo mês de Setembro — repare-se na certeza matemática das datas, o que demonstra perfeita organização existente — «O Pai Tirano» estrear-se-á em dois dos principais cinemas da capital.

OS SÓCIOS DO CLUBE
têm de assinar o "Animatógrafo"

Perante uma plateia constituida na sua grande maioria por sócios do Clube do «Animatógrafo», António Lopes Ribeiro disse algumas palavras de introdução ao segundo espectáculo do Clube, realizado no dia 2 do corrente no Palácio das Exposições do Parque Eduardo VII. Essas palavras foram em parte dedicadas a uma rápida análise dos filmes que se exibiram. Mas interessa-nos agora glosar apenas as que se referiram ao Clube, à sua organização e ao seu futuro.

Disse António Lopes Ribeiro que os sócios do Clube continuariam a não pagar qualquer quota, mas que lhe parecia necessário que contribuissem dalguma forma para a nossa revista. E anunciou que essa contribuição seria a assinatura do «Animatógrafo». A exigência não tem nada de insólito — e é absolutamente justa. Todos os sócios do Clube são leitores do «Animatógrafo» — e leitores que compram o «Animatógrafo» (não fazemos a nenhum dos sócios a injúria de supor que o lê sem o comprar, isto é, emprestado — o que seria o cúmulo!). Portanto, o facto de passarem a assiná-lo não representa qualquer acréscimo de despesa. Para a revista, porém, já essas assinaturas representam uma vantagem: a de a verba correspondente entrar em caixa adiantadamente. E é a sabedoria popular quem ensina — e muito bem — que candeia que vai adiante alumia duas vezes.

Quando constituímos o Clube do «Animatógrafo» não tivemos quaisquer intuitos interesseiros — pois como tal não podem ser considerados o nosso amor pelo cinema e o nosso desejo de o servir, criando cinéfilos, na nobre acepção da palavra — isto é, despertando o interêsse do maior número possível de pessoas pela arte cinematográfica e cultivando-o de forma a aumentá-lo sempre e a dar-lhe cada vez mais razões para sua própria justificação. Quere dizer: o Clube representou da nossa parte um esfôrço a favor dos amigos do Cinema, um esfôrço desinteressado e até um tanto quixotesco. Justo é que os amigos do Cinema contribuam de qualquer forma para êsse esfôrço, destinado a servi-los na medida em que as iniciativas do Clube lhes darão prazer e possivelmente proveito. A compensação que lhes pedimos é no entanto mínima, pois não representa aumento de encargos mas apenas apoio à nossa revista, base imprescindível do Clube na sua actual constituição.

Assim, todos os sócios inscritos que não sejam já assinantes, devem fazer a assinatura do «Animatógrafo» até ao último dia de Setembro. Aquêles que o não fizerem deixarão de ser considerados sócios do Clube, a partir do dia 1 de Outubro, e deixarão portanto de ter direito às compensações inerentes a êsse título. Têm sido poucas essas compensações — mas não tem sido desinteressantes. Constaram de três espectáculos: o primeiro foi a sessão de homenagem a Jean Renoir, realizada no S. Luiz em princípios de Dezembro último, na qual puderam ouvir aquele mestre do cinema francês e ver o seu melhor filme que é ao mesmo tempo um dos melhores filmes de todos os tempos — «A Grande Ilusão»; os outros dois foram as sessões no Pavilhão do Parque Eduardo VII, em que se exibiram «O Caminho do Paraíso» e «Matou». Na próxima temporada o programa do Clube será enriquecido na medida em que as suas possibilidades forem maiores e a sua actividade será tanto mais vasta e interessante quanto maior fôr o estímulo — de tôda a ordem — que os seus sócios lhe derem.

No actual momento tudo é mais difícil de conseguir e muitas coisas são impossíveis, por maior boa-vontade que haja. Mas atrás do tempo, tempo vem — e então, quando o Mundo regressar à normalidade, se o nosso Clube perdurar e mostrar vitalidade, poderá ter uma acção mais brilhante, mais interessante e vasta.

Para isso requere-se apenas a colaboração dos sócios — colaboração de entusiasmo, de fé, de tenacidade. «Animatógrafo», pede que a demonstrem assinando-o. Não é pedir demais. E pedir menos seria *pedir de menos* — o que era caso para desconfiar.

A viagem presidencial vista por Manuel Luiz Vieira

Manuel Luiz Vieira, o operador da SPAC que foi filmar a viagem presidencial ao Arquipélago dos Açores — documentário editado pelo S. P. N. — está um pouco bronzeado pelo Sol e pelo iodo do Atlântico. O tom moreno da pele dá mais brilho à prata dos cabelos. Todavia, o conhecido operador parece que rejuvenesceu.

Pedimos-lhe impressões de viagem para uma breve crónica.

— Digo-lhes que tudo quanto houve de notável na jornada presidencial está filmado.

— Os açoreanos testemunharam que a unidade nacional é um facto...?

— E com que sinceridade e comoção! Eu, que passei entre o povo com a minha câmara de filmar, para lhe registar as reacções, ouvi-o também, lamentando apenas que os meus ouvidos não pudessem registar os sons. «Diziam que nós eramos americanos — indignavam-se em assomos de orgulho e de sentido patriotismo, com um brilho especial nos olhos quantas vezes razos de água —; diziam que nós só pensavamos e queríamos à América, mas somos portugueses! Apenas portugueses! Sempre portugueses!» Secundando êste grito, esta afirmação que ouvi milhares de vezes através das nove ilhas do Arquipélago, por tôda a parte havia letreiros garantindo: «Isto é Portugal! Estais em vossa casa!» Na ilha das Flôres, por exemplo, havia um monte onde se lia em letras de doze metros de alto, feitas de flôres: «Viva Portugal!»

— As manifestações...

— Duma grandiosidade impressionante. Indescritível. Entusiasmo, entusiasmo, entusiasmo e um carinho especial, uma ternura particular a envolver o Presidente, por tôda a parte, dias após dias, noites após noites. No largo diante do hotel das Furnas (em S. Miguel) só havia povo, que se comprimia e acenava, delirante, dando vivas ao hóspede ilustre...

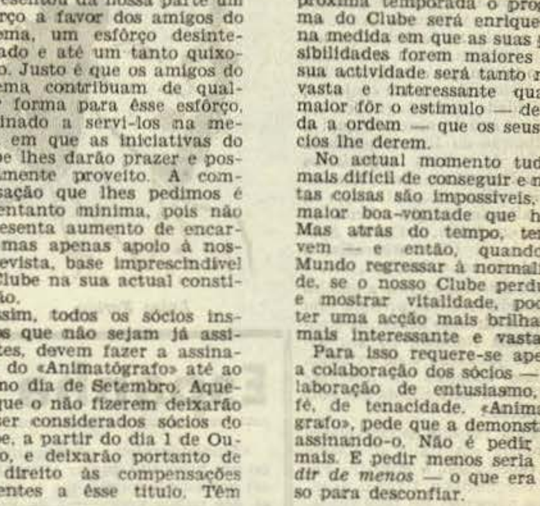
— Divertiu-se muito?

— Imenso: 4.000 metros de trabalho! 4.000 metros de negativo impressionante! Acham pouco?

E com entusiasmo, numa recordação:

— No Faial, a manifestação nocturna prolongou-se por duas noites e foi excepcional, formidável. Ali, não era apenas o elemento povo que se manifestava: era também o elemento militar — os nossos soldados — que contribuiam para a homenagem ao sr. General Carmona.

«Repito — continuou Manuel Luiz Vieira — todos receberam o melhor que puderam. Uns mais expansivos do que outros, consoante os seus temperamentos, *mas todos trouxeram o seu coração de portugueses!*



Manuel Luiz Vieira, o operador da viagem presidencial

E esta frase foi dita com vigor excepcional, rematando bem as declarações do entrevistado.

Depois, já a despedir-se Manuel Luiz Vieira contou:

— Quando saímos de Santa Maria, a caminho do continente, o Chefe do Estado procedeu à cerimónia da condecoração dos comandantes dos navios da escolta; o «Lima» e o «Dão». E achei graça ao senhor General Carmona quando, ao findar a cerimónia, se dirigiu a mim e me disse:

«— Como é que você tem energia física para me aparecer em tôda a parte a filmar?

M.

NOTÍCIAS DA EUROPA

Itália

O ministro PAVOLINI fez curiosas revelações sôbre a importância do cinema italiano

Muito recentemente, na reünião realizada na Cinecitta a que asistiram os elementos oficiais que em Itália têm a seu cargo a orientação do cinema do país, e de tôdas as personalidades ligadas ao cinema italiano, realizadores, produtores, artistas, técnicos, o ministro da Cultura Popular, Alessandro Pavolini — cuja acção em prol do filme italiano tem sido das mais entusiásticas e das mais valiosas, mesmo antes de ocupar a elevada posição que hoje disfruta — pronunciou um longo discurso que constituía a palavra de ordem para o cinema italiano do ano de 1941, ao mesmo tempo que elucidava sôbre o que tinha sido, no seu conjunto, a actividade cinematográfica em Itália no ano transacto e qual a contribuïção do Estado prestada através de vários organismos como a Enic (Ente Nazionale Industrie Cinematografiche), a mais alta instituição oficial do cinema em Itália, o Centro Sperimentale di Cinematografia, o Instituto Luce, a INCOM, etc.

Nesse discurso vieram a público alguns números que provam bem o desenvolvimento actual da cinematografia italiana, no seu aspecto de produção e de exibição. Por isso achamos de interêsse apontá-los à curiosidade dos nossos leitores.

Pelo que respeita ao incremento que tomou em Itália o cinema como espectáculo, o Ministro Pavolini documenta-o, fixando os seguintes números: em 1939 venderam-se 359 milhões de bilhetes nos cinemas de Itália, representando uma receita bruta de 595 milhões de liras. Por seu lado, em 1940 essas mesmas salas venderam 386 milhões de bilhetes, que renderam 640 milhões. Pois em 1941, tendo por base os dados do primeiro quadrimestre, é lícito acreditar numa receita de cêrca de 730 milhões. Também se fica sabendo que de 1936 a 1940 se notou um aumento da freqüência de público nos cinemas de cêrca de 50 por cento.

Um dos outros pontos focados naquela reünião foi a importância notada nas exportações de filmes. Em 1939 a cifra que representa a venda de filmes ao estrangeiro anda à roda de 12 milhões de liras, ou para sermos mais precisos, 12 milhões e 455 mil liras. Em 1940 o valor dessa exportação ascende a milhões de liras.

Marcando o facto da sensível melhoria administrativa que se vem observando na produção italiana sem prejuízo, claro, da qualidade, antes pelo contrário, aquele membro do Govêrno italiano afirma que se em 1939 80 filmes custaram 180 milhões de liras, em 1940 83 filmes custaram os mesmos 180 milhões. Além disso vão êste ano ser produzidos filmes de maior importância industrial. Assim, se em 1939 40 foram realizados 13 filmes de custo superior a dois milhões de liras, em 1940-41 vinte e cinco filmes serão feitos nessa base.

Referência foi feita também por Pavolini, no que respeita às directivas da produção, às críticas que têm sido feitas aos produtores pela preferência dada aos filmes de ambiente histórico. E falando de percentagem das películas de reconstituïção, disse que o alarme é só parcialmente justificado.

De facto em 1940 de 113 filmes, 47 tinham essas características, ao passo que havia 65 de ambiente moderno. O ministro diz que a questão posta assim não tem senso algum. De facto «pode um filme histórico concebido com mentalidade moderna ser infinitamente mais actual que um filme de hoje concebido com mentalidade de oitocentista».

Eis, por alto, alguns números e outros elmentos que contribuem perfeitamente para servir de elucidação do estado actual do cinema italiano, tão mal conhecido entre nós.



Luiza Ferida

Actividade nos Estúdios

Ainda sôbre o cinema de Itália vamos dar a seguir algumas notícias sôbre filmes em produção nos estúdios italianos.

● Alessandro Blasetti, considerado um dos melhores realizadores italianos, acaba de concluir o filme LA CORONA DI FERRO, de aspecto histórico e de grande ambiente espectacular, porventura o filme de maior grandiosidade depois de «Scipião o Africano». Produzido pela Enic-Lux é interpretado por Elisa Cejani, Gino Cervi, Osvaldo Valenti, Luiza Ferida, Massino Gireti e uma figuração de milhares de pessoas.

● L'AMANTE SEGRETA é o título do filme de ambiente moderno que o conhecido Carmine Gallone está realizando para os Grandi Film Storici, com Alida Valli, Vivi Gioi, Bella Storace Sarnati, Anita Farra, Camillo Pilotto, Luigi Almirante e Fosco Giachetti.

● Assia Noris, uma das mais populares vedetas do cinema italiano, Umberto Melnati, Carlo Campanini, Lauro Gizzolo, Greta Gonda e Renzo Merusi são os intérpretes do filme da Juventus Film que Giorgio Simonelli realiza CON LE DONNE NON SI SCHERZA!

● LA DONNA SENZANOME é uma alta comédia da Enic dirigida por Camillo Mastrocinque com Paola Barabara, Carlo Ninchi, Frederico Benfer, Guiseppe Porelli, Carlo Tamberlani e o veterano Albert Capozzi, um famoso galã da época de oiro do cinema italiano.

Espanha

Entre os filmes da actual produção há um interpretado por um português

«Animatógrafo» prosseguindo no seu propósito de dar a conhecer aos seus leitores o que se passa nos países produtores da Europa, notícias essas hoje pouco divulgadas dada não só a escassês dos meios de informação como a dificuldade de conseguir êsses elementos informativos volta hoje, nesta página, a dizer o que se passa nos meios cinematográficos de Itália, de França e de Espanha. São referentes a êste país as notícias que vão seguir-se.

● Nos estúdios espanhóis onde já trabalhava, com grande categoria, um português, o actor Tony d'Algy, aparece agora o nome dum outro compatriota nosso em lugar destacado da distribuïção do filme A MI NO ME MIRE USTED dirigido por José Luiz Saenz de Heredia e produzido por Ernesto Gonzalez, o produtor da versão espanhola de «Bocage». Trata-se de Fernando Freire de Andrade um esplêndido cómico que aquele filme, cuja acção nos conta as aventuras de dois espanhóis em Nova York, vai revelar. Tomam parte no filme, fotografado pelo italiano Izzarelli, o cómico Valeriano León, Rosita Yarza, Manuel Arbó, Rafaela Rodriguez e Mariana Larrabeiti.

● No filme da Cifesa SARASATE, biografia cinematográfica do grande músico espanhol, que se anuncia como uma das mais importantes produções espanholas desta época e de que Alfredo Mayo é o protagonista, a actriz italiana Margarita Carossio vai reviver a figura da grande cantora espanhola Adelina Patti, glória da cena lírica de fins do século passado, fazendo o actor espanhol Manolo Moran o seu empresário, Montini.

● É também a Cifesa que está a produzir o filme LOS MILLONNES DE POLICHINELA, cuja acção se passa num internato de raparigas. Dirige-o Gonzalo Delgrás e são seus intérpretes Marta Santaolalla, que se estreia fazendo a protagonista do filme, Luiz Peña, Manuel Luna, Manuel Gonzalez, Margarita Robles, Pablo Hidaljo e Maria Luiza Gerona.

● Por decreto de 10 de Abril de 1940 os produtores espanhóis são obrigados a apresentar durante o mês de Junho de cada ano, no Departamento Nacional de Cinematografia, dirigido pelo nosso amigo Garcia Viñolas, o plano da produção que pretendem realizar durante o semestre compreendido entre os meses de Julho a Dezembro.

● O actor e realizador Juan de Orduña está terminando, nos Estúdios Ballesteros os interiores de três filmes curtos: SERENATA DEL MAR, A NOSTALGIA e ISLA DORADA, que formam um tríptico sôbre a vida de Chopin.

França

O govêrno pôs à disposição dos produtores do seu país 50 milhões de frs.

Com a presença de algumas das principais figuras do cinema farncês, especialmente no campo da produção e da realização — assistiram entre outras Marcel Pagnol, Abel Gance, Marc Allégret, Marcel Achard, Jacques Prévert, considerado um dos mais categorizados «scenaristas» franceses, comandante Legros, que ocupa lugar oficial importante no cinema de Além-Pirineus, Gaston Thierry, Yvan Noé, etc. — Raoul Cloquin, director responsável do Comité de Organização da Indústria Cinematográfica Francesa, expôs os resultados do seu plano de acção durante os seis meses em que se encontra à frente daquele organismo, resultados que dizem respeito tanto à Zona livre como à Zona ocupada. Nessa reünião foram por êle ventilados alguns aspectos das decisões que espera tomar, e cujos objectivos são o saneamento quanto à orientação da produção, à amortização rápida e à remuneração normal da produção.

Uma outra notícia da maior importância para o incremento da actual produção francesa, e que foi agora tornada pública, é a de que o Govêrno francês pôs à disposição dos produtores franceses, sob certas condições, a importância de cinqüenta milhões de francos, com o fim de facilitar a realização de filmes, dando assim por conseqüência maior desenvolvimento a tôdas as actividades ligadas à produção de filmes.



CLAUDETTE COLBERT

A deliciosa vedeta francesa, que é, há muitos anos, a bem dizer, uma vedeta americana, reaparecerá, na próxima época em «DOIS CONTRA O MUNDO», o famoso «BOOM TOWN», da M-G-M

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

Joan Crawford vai interpretar "When Ladie Meet„ com Robert Taylor e Greer Garson

Joan Crawford que já em «Mulheres» tivera uma interpretação brilhante e cheia de interêsse, em «Teorias de Susana» demonstrava-nos estar em plena forma, dando-nos, numa personagem difícil e ingrata — figura que ao menor deslise fàcilmente descambaria no ridículo e no vulgar — uma criação notável pela inteligência, pela sensibilidade, pela intenção com que soubera tratá-la. Demonstrou naquele belo filme a justa medida do seu talento real de comediante, tantas vezes desbaratado em outros tantos filmes sem importância e sem projecção (sem trocadilho...), em que ela, como excelente profissional, disciplinadamente — dir-se-ia talvez com uma noção exagerada da disciplina — apenas «aparecia»...

Contudo êsse longo período de vulgaridade deve ter passado. As coisas parecem ter mudado definitivamente, como se deve também ter modificado a orientação seguida pelos seus produtores, cuidando melhor do aspecto técnico dos seus filmes, reservando-



Joan Crawford

-lhe agora argumentos sérios, com princípio, meio e fim, dignos da categoria, do prestígio que, inegàvelmente, ainda goza e do seu belo talento, e também que à sua personalidade de actriz se ajustem condignamente.

O êxito de «A Woman's Face», o seu último filme da Metro Goldwin Mayer, estreado há pouco nos Estados Unidos, vem não só confirmar que Crawford é ainda uma esplêndida actriz, como provar que um bom argumento é também um meio ideal para pôr à prova o valor dum intérprete. «A Woman's Face» extraído da obra de Francis Croisset *Il etait une fois* é, em todo o seu conjunto, uma obra notável, servida por uma magistral direcção de George Cuckor. Mas de tudo isso se destaca a extraordinária criação de Joan Crawford num papel de exame, em que a crítica reconhece unânimemente ter nela a melhor interpretação da sua carreira — «The Greatest acting role of her career».

Joan Grawford a poucas semanas da estreia daquele filme, em que o ruído dos aplausos ainda se deve fazer sentir aos seus ouvidos, vai interpretar um novo filme para os estúdios de Louis B. Mayer, onde tem decorrido intensamente a sua carreira. Intitula-se «When Ladis Meet», uma comédia dramática tirada da peça de Rachel Crothers, que Robert Z. Leonard dirigirá. «Quando as Mulheres se encontram» tem ainda por intérpretes Robert Taylor, Greer Garson, a grande intérprete de «Orgulho e Preconceito», e Herbert Marshall.

Depois de «The Gorgeous Hussey», realizado em 1936, é a primeira vez que Taylor e Crawford aparecem juntos. Por sua vez Greer Garson e Robert Taylor foram os intépretes de «Remember» estreado já esta época no São Luiz.

«When Ladies Meet» foi feito já em 1934 numa primeira versão, com Ann Harding, Myrna Loy e Robert Montgomery por intérpretes .

BUCK JONES e o coronel TIM MAC COY aparecem num mesmo filme

Os filmes do oeste continuam a ser, tanto na América como nos outros continentes, o prato de resistência das platéias populares, como nos tempos longínquos, quando o cinema do lado de lá do Atlântico começava a dar os seus primeiros passos, nos tempos de Broncho Bill e de William Shakespeare Hart. E de facto são as carreiras dos actores dos «western» as mais longas que o cinema conhece, aquelas em que a popularidade é, por assim dizer, insensível às flutuações de êxito que, normalmente, afectam os outros artistas.

A ilustrar o que deixamos dito chega-nos a notícia da actividade cinematográfica de dois famosos «cow-boys», que continuam a ter o favor do público, e conseqüentemente o interêsse das emprêsas produtoras. De facto a Monogram, uma companhia que, como algumas outras casas de modesta categoria, se dedica quási exclusivamente à produção de filmes em séries e de filmes de «cow-boys», contratou agora dois especialistas do género. São êles Buck Jones, que ficará sendo a figura mais importante daquela companhia, e Tim Mac Coy, que depois de uma ausência de alguns anos das aventuras do écran, volta de novo aos seus primeiros amores.

Ambos vão aparecer no filme «Arizona Bound» primeiro da série intitulada «Rough Riders». Spencer G. Bennett é o director do filme.

O TECHNICOLOR triunfa em tôda a linha

O interêsse, cada vez maior, que as emprêsas de Hollywood estão demonstrando pela produção de filme a côres pelo processo Technicolor — até aqueles que até agora se tinham mostrado mais renitentes em seguir essa orientação estão presentemente mostrando decisivo interêsse por tais filmes — ficou bem demonstrado na última reünião dos accionistas da Technicolor Corporation. Com efeito o dr. Herbert Kalmus, inventor do processo e presidente do conselho de administração da companhia, referiu que nos primeiros seis meses do seu ano fiscal foram tiradas nos seus laboratórios cópias de filmes feitos em technicolor cujo total atinge cêrca de desasseis milhões de metros!

Afirmou também que êste ano deviam ainda ser excedidos todos os records anteriores relativos à produção de filmes a côres, informando igualmente que a secção da companhia em Londres tem continuado a trabalhar, sobretudo para o govêrno inglês.

ZANUCH renovou o contrato de DON AMECHE e BETTY GRABLE

Darryl F. Zanuck, chefe supremo da produção da 20th Century-Fox, em face do êxito que Don Ameche e Betty Grable têm alcançado em alguns dos mais populares filmes daquela companhia — «That Night in Rio», pelo que respeita a Don Ameche e «Yank in the R. A. F.» no caso da belíssima e insinuante Miss Grable são os seus dois últimos filmes — acaba de renovar os respectivos contratos.

Don Ameche pertence àquela emprêsa desde 1936 e Betty Grable trabalha ali desde o ano passado, tendo sido a deliciosa comédia musical que era «Sinfonia dos trópicos» o seu primeiro filme nos estúdios de Movietone City, um espantoso êxito pessoal para a deliciosa ex-espôsa de Jackie Coogan.

Don Ameche e Betty Grable interpretaram recentemente o filme «Moon over Miami».

"BILLY THE KID„ foi realizado, sucessivamente, por três encenadores!

Falámos num dos últimos números de «Animatógrafo» do interêsse que a figura de «Billy the Kid», personagem real de fins do século passado, estava suscitando am alguns produtores, sendo três os filmes em que as aventuras mais ou menos romanceadas do bandoleiro celebrado pela tradição popular servem de base aos respectivos argumentos. De todos o primeiro estreado foi «Billy the Kid», o filme da Metro Goldwyn Mayer interpretado por Robert Taylor. Este filme apresenta a particularidade curiosa de na sua produção intervirem três realizadores.A saber: Frank Borzage, encenador que iniciou a realização do filme, David Miller, que o concluiu e Norman Taurog que supervisou a montagem final do filme. No entanto é David Miller quem figura como realizador responsável.

JEAN GABIN, a última paixão de MARLENE

Marlene Dietrich, cujo último filme «Duchess of New Orleans», dirigido por René Clair, tem sido objecto das mais desencontradas opiniões críticas nos jornais americanos, tem agora uma nova paixão. A celebrada detentora das mais fascinantes pernas que a história do cinema, ao que parece, tem contado, e que continua mantendo galhardamente a sua posição de destaque na vida social de Hollywood, mudou recentemente de paisagem amorosa.

Vão longe já os tempos de Joseph von Sternberg; e o «caso» Eric Maria Remargue o autor famoso de «A Oeste nada de Novo» desfez-se como vaga de areia com a chegada ao país do cinema duma figura célebre dos estúdios de França — Jean Gabin. De facto o par Marlene-Gabin tornou-se ùltimamente no ponto de mira da gente que se diverte nos meios alegres de Hollywood pela freqüência e constância da sua companhia.

Entretanto Rudolf Sieber continua casado; mas ao que parece continua também a viver em Paris.

À Margem das Fitas



Charlie Chaplin, chamado aos tribunais de Nova Yorque para depor numa questão sôbre impostos movida contra Joseph Schenk, anunciou aos jornalistas o propósito de produzir outra fita. Declarou não ter ainda qualquer ideia definida sôbre a nova produção, nem ter resolvido se continuaria ou não a figurar como intérprete.

—«Uma coisa vos garanto, porém: não quero mais brincadeiras com Hollywood, cujas actividades comerciais me contendem com os nervos. Utilizarei o estúdio da Astória de Nova Iorque, onde se fizeram as fitas de Carlos Gardel, e aproveitarei o verão da capital para filmar os exteriores.»

Saberá alguém explicar que môsca mordeu Charlot, para o trazer tão mal humorado com a Cinelândia? Ao que se diz, é tudo uma questão de dinheiro. Hollywood leva-lhe coiro e cabelo pelo aluguer de estúdios e de materiais, além de o obrigar a pagar somas fabulosas pelo trabalho dos colaboradores.



O sr. Karl Stefan apresentou ao parlamento de Washington uma proposta pela qual pretende que tôdas as fitas realizadas em Hollywood, com assuntos sul-americanos, sejam apreciadas pela divisão de relações culturais do Departamento do Estado, antes de enviadas para o estrangeiro.

—«Não faz sentido — declarou êle — que o Govêrno se esforce por manter boas relações com as nações latino-americanas, quando, por outro lado, Hollywood as irrita com certas fitas deprimentes para elas, ou, pelo menos, que ofendem os seus sentimentos».

Isto vem demonstrar a necessidade de obrigar Hollywood a dispensar maiores cuidados às fitas cujas histórias se desenrolam noutros países, pois, regra geral, desagradam a êsses países.



Os exibidores americanos, depois de beneficiados com a recente lei sôbre contratos, prontificaram-se agora a dar uma compensação aos produtores e distribuidores, acabando com os programas duplos. A Motion Picture Theatre Owners of America e a liga da Pacific Coast Convention of Independent Theatre Owner já começaram a executar esta medida.



Os ingleses exibiram já 2.000 filmes em sessões destinada aos soldados do exército britânico. Para isso o Govêrno de Sua Magestade adquiriu 400 aparelhos portáteis de projecção. Actualmente produzem-se fitas destinadas a êsse fim, umas de carácter militar, outras apenas recreativas e outras ainda com a intenção de preparar os soldados para o Novo Mundo que surgirá após a guerra.

UMA CARTA DE JOUVET

(*Conclusão da pág. 3*)

mostrasse ao director de «Animatógrafo» uma carta que recebera de Louis Jouvet. António Lopes Ribeiro achou tão interessante êsse documento que pediu ao grande actor português autorização para o reproduzir nestas páginas — ao que Alves da Cunha acedeu com prazer.

Lembre-se, para completo entendimento do leitor, que Alves da Cunha representava com a sua companhia «O Avarento» de Molière, no Trindade, quando Jouvet esteve em Lisboa — e por sinal excelentemente, com a maior dignidade e autêntico brilho.

A carta do grande mestre da cena francesa — dactilografada em papel com o timbre do *Athénée*, o teatro de Jouvet, em Paris — diz o seguinte:

Lisboa, 6 de Junho de 1941

Meu caro Confrade,

Lamento não ter podido assistir à sua representação de ontem à noite, para a qual me tinha tão amàvelmente convidado. A minha secretária entregou-me as fotografias que lhe dera para mim, e que muito agradeço. Soube também que representou «O Avarento» no espírito a que me referi quando falei, e felicito-o por isso.

Espero ter o prazer de assistir a uma das suas representações em Outubro, quando da minha próxima estada aqui, à volta da América. Muito gostarei de o convidar então para uma das nossas representações, pois daremos certamente no Teatro Nacional de Lisboa tôda a série das peças que levamos em «tournée». Se lhe não fôr possível aceitar por ter de representar com a sua Companhia, será para mim um prazer dar uma «matinée» especial para os meus camaradas comediantes portugueses.

Peço-lhe que transmita lembranças minhas aos membros do seu grupo; apresente as minhas respeitosas homenagens a Madame de Bivar, e creia nos meus sentimentos confraternais e na minha grande simpatia

Louis Jouvet

Depois de ler esta carta, o meu retrato do grande criador de *La Guerre de Troie n'aura pas lieu* passou a ter uma vibração nova, a estar animado pelo sôpro cordial da camaradagem, da amizade compreensiva e desinteressada de que Jouvet mostra ser capaz. As palavras que escreveu a Alves da Cunha são de um sectário para outro sectário da mesma causa; não tem nada da pedanteria ou da magnânima pesporrência de alguém que se imaginasse pontífice duma seita, a quem todo o Mundo e o pai ainda por cima devessem obediência, respeito e servidão.

A carta de Jouvet dá-nos ainda uma grande alegria confirmando o que já nos constara mas apenas como boato: que no Outono teremos no palco do Nacional a festa magnífica do seu repertório.

Recomendamos desde já essa série de espectáculos aos leitores de «Animatógrafo». Valerá a pena, fazer uns sacrificiozinhos durante as férias para poderem ver Louis Jouvet e a sua companhia em Outubro. Isso não representará diminuir as férias, «roubá-las» — mas antes prolongá-las, enriquecê-las. Dar-me-ão razão depois de verem, encenado e representado por Jouvet, êsse subtil e mágico teatro neo-clássico de Girandoux ou *L'École des Femmes*, «de que êle fez ao mesmo tempo uma seqüência de imagens maravilhosas e uma admirável ressurreição do que Molière quisera, o drama nunca separado da farsa», como afirma Robert Brasillach no seu recente e interessantíssimo *Notre Avant-Guerre*.

Poderá parecer estranho a alguém êste elogio do teatro. Para êsses lembrarei, servindo-me de palavras de Lopes Ribeiro, que sendo o teatro como o cinema *formas de representar*, são próximos parentes, tão próximos que é ao teatro que o cinema foi buscar, indiscutivelmente, as suas regras de construção dramática — e ambos têm a mesma divina origem: «o imperativo teatral».

Quere dizer: o cinéfilo só tem a ganhar na admiração e na análise do bom, do verdadeiro teatro — ou melhor: o cinéfilo só tem a ganhar em ser simultânea e cumulativamente teatrófilo.

ANDRÉ MASSIL

Preguntas de algibeira

1 — Em que filme, dos que W. S. Van Dyke dirigiu, êste realizador desempenhava também um papel de certa importância?

— «Sombras Brancas nos mares do Sul»?
— «San Francisco»?
— «Esquimó»?
— «O Homem Sombra»?
— «Rose Marie»?
— «Deram-lhe uma espingarda»?

2 — Qual a «estrêla» de cinema que é irmã de Joan Fontaine?

— Laraine Day?
— Joan Blondell?
— Jean Parker?
— Olivia de Havilland?
— Priscilla Lane?
— Miriam Hopkins?

3 — Qual dêstes seis filmes foi encenado por dois realizadores?

— «As Quatro Irmãs»?
— «Pai contra Filho»?
— «Veneno Europeu»?
— «Variedades»?
— «Robin dos Bosques»?
— «O Anjo Azul»?

4 — Quem é Robert de Grasse?

— Actor?
— Decorador?
— Realizador?
— Argumentista?
— Produtor?
— Operador?

5 — Qual foi a personagem de Molière que Emil Jannings já interpretou no Cinema?

— Harpagão?
— Tartufo?
— Alceste?
— Orgon?
— Arnolfo?
— Scarpin?

6 — Em qual dêstes seis filmes aparecia o actor Charles Laughton?

— «Cavalgada»?
— «O Imperador da Califórnia»?
— «Se eu tivesse um milhão»?
— «Jantar às 8»?
— «A vida de Pasteur»?
— «O Denunciante»?

7 — Quem era a vedeta feminina de «Estrêla Luminosa»?

— Cathryn Sayres?
— Margaret Lindsay?
— Linda Darnell?
— Joan Fontaine?

8 — Qual foi o filme que revelou Mickey Rooney?

— «Sonho duma noite de verão»?
— Um filme da série «Família Hardy»?
— «O cow-boy e o rei»?

9 — Sabe dizer qual é a última paixão de Simone Simon? Será:

— Lew Ayres?
— Robert Preston?
— Gilbert Rolland?
— Richard Cromwell?



Óscar de Lemos, famoso cómico da nossa praça, encontra-se em vilegiatura, para aproveitar um merecido repouso entre dois filmes. Apesar dos sábios conselhos do seu assistente (que na circunstância não é o Antero Faro), Óscar João Ratão de Lemos resolveu ir veranear para Bucelas.

— Porque não vais antes para as termas? — preguntaram-lhe.

Ao que êle respondeu aborrecido:

— Vocês não sabem que eu não gosto de águas?

●

O actor Vasco Santana resolveu entregar aos seus admiradores uma colecção de retratos autografados que constituem uma autêntica biografia pela imagem. A primeira foto, de grande valor histórico, foi tirada aos seis meses de idade — quando o simpático artista ainda cabia dentro duma máquina fotográfica 9×12.

●

Tem sido muito sentida, no meio teatral, a ausência do actor Manuel Santos Carvalho que decidiu trocar a carreira de actor pela profissão de guarda-fiscal.

A sua estreia como agente da autoridade foi particularmente feliz, pois encontrou a pista dum grupo de contrabandistas que andavam a fazer candonga cinematográfica lá para as bandas da Peneda.

HOMEM-SOMBRA

A FEIRA DAS FITAS

«LUAR DE BURMA»

(«Moon over Burma»)

Há artistas predestinados para interpretar certas personagens e, até, alguns para interpretarem personagens de certos ambientes. Dorothy Lamour foi fadada (pelos produtores de Hollywood) para ser «vamp» tropical. Quási tôdas as suas fitas decorrem em climas quentes, pelas paragens exóticas e daí resulta que quási sempre o seu trabalho tem sido prejudicado pelas invenções de opereta de que enfermam essas fitas e pela falta de verdade das suas interpretações, falta de verdade de que aliás ela não é culpada e que quási sempre grande parte do público não nota, absorvido como está na contemplação bem justificada da beleza da artista. Todavia Dorothy Lamour noutras ocasiões demonstrou já quanto pode fazer como intérprete e foi sempre em fitas que não a faziam mulher dessas terras onde tôda a gente anda a suar em bica a tôda a hora. Não mais nos poderemos esquecer da sua magnífica criação em «Lôbos do Norte», ao lado dos outros três portentos que são Akim Tamirof, George Raft e o grande Henry Fonda.

Em «O Luar de Burma» Dorothy Lamour anda ainda pelos climas exóticos, na tão actual Indo-China. Acontece no entanto que deixou de ser indígena. É simplesmente uma rapariga disputada por dois — numa terra onde as «outras» não existem. O seu trabalho — sem que leve a acrescentar alguma coisa às suas faculdades de actriz ou à sua beleza de mulher — serve para todos verem confirmadas qualidades que, devido às fitas que lhe dão, poucas vezes podemos apreciar.

Robert Preston, Preston Foster e Albert Basserman contracenam com ela também de maneira muito correcta.

Louis King, que realizou, teve bom trabalho, embora prejudicado pelos lugares comuns que o filme apresenta como qualquer filme «tropical» que se preza, lugares comuns de que, se calhar, nem foi culpado. A linha da acção do filme é vulgar mas tem momentos excepcionais. Sempre que chega aí a encenação sente-se vigorosa e viva, apesar da grande simplicidade de processos que emprega.

QUADRO DE HONRA

No filme exibido em Lisboa na última semana, «Animatógrafo» chama a atenção do público para o que nele merece atenção especial

«O LUAR DE BURMA» (Paramount)
— A interpretação de DOROTHY LAMOUR e PRESTON FOSTER, ROBERT PRESTON e ALBERT BASSERMAN.
— A direcção de LOUIS KING nas cenas do banho de Aria (DOROTHY) da cobra e das chicotadas.

«PATINA PALITO» (Desenho animado)
— Os «gags» da perseguição de Popeye.

Os dois principais episódios passados com o cego — o ataque da cobra e a luta com o chicote, bem como o banho de Dorothy Lamour, interessam vivamente. A canção «Moon over Burma» — no género do «Moonlight and Shadows» — tem linda melodia e é cantada com o estilo próprio.

«Patina Palito» e «O Herói Ficou Roubado» são desenhos animados de Max Fleisher, dirigidos por Dave Fleisher, que merecem referência especial. O segundo pela correcção de movimentos de patinagem no gêlo, graciosamente feitos pela Bethy Boop — como se fôsse Sonia Henie. O primeiro é também de patinagem desta vez executada pela noiva do Popey que, grande patinador como não podia deixar de ser, a ajuda e trata de ensinar à cara metade tudo quanto sabe. A certa altura, o Palito sai do recinto de patinagem incapaz de se conter. Popeye come os seus espinafres e abala velozmente na sua perseguição. Os distúrbios do Palito, especialmente no cruzamento das duas ruas e a «aceleração» dos acidentes de Popeye na corrida são uma colecção grande de «gags» dos melhores que se podem apresentar — F. G.

CINEMA ITALIANO

(Conclusão da pág. 4)

produção não consegue ainda atingir um nível artístico superior.

É para êste problema que se concentram agora as atenções gerais.

O Centro Experimental de Cinematografia dedica-se com êsse fim, à preparação de elementos novos que preencham os quadros abertos pelo súbito desenvolvimento da produção.

A concessão de prémios aos melhores filmes e os esforços conduzidos pela Federação Nacional da Indústria do Espectáculo, tendem para o mesmo resultado.

Num último artigo poremos o leitor a par da mais recente actividade cinematográfica em Itália, e então teremos ocasião de aludir aos frutos já colhidos relativamente à qualidade dos trabalhos realizados.

A. DE CARVALHO NUNES

Panorâmica

(Conclusão da pág. 5)

le filme foi Danielle; a bela Helena (agora arde Tróia com certeza!) é figura desconhecida no cinema, e mesmo que o não fôsse não fazia fitas no Carcavelinhos. Por último: Mozart escreve-se com z e não com s, como está no tal programa.

E, o mais curioso, é que se filmaram cenas — diz-nos um senhor que esteve lá, em 10 de Julho!

Ignoramos quem foi o realizador, quem era o operador e quem é o produtor...

«Vox populi» ou... a justiça do povo

Num dos seus últimos números, e sob o título acima, o semanário «Acção» contatava um episódio sucedido durante a exibição de «As Mãos e a Morte» no Condes — episódio que interessa transcrever aqui pelo menos por três razões: por que é engraçado, por que diz respeito à cinematografia e porque «Animatógrafo» contribuiu para a apresentação ao público português do admirável filme de Lewis Milestone extraído da novela de John Steinbeck *«Of Mice and Men»*.

A meio da exibição acontecia quási sempre verificar-se «a debandada dos espectadores mais fàcilmente enfastiáveis» — os que não viam no filme senão uma história de *cow-boys*, disparatada, ininteressante e indigna dos seus «espíritos superiores».

«Perante tal espectáculo de incompreensão — cedemos agora a palavra ao nosso citado colega — certa noite a voz justiceira da geral tombou sôbre a plateia:

— Olha!... São os mesmos que viram a «Balalaika» cinco vezes...».

Um instituto de cinema

A Espanha, que está a dedicar ao seu cinema uma atenção e um carinho pouco vulgares, vai ter um Instituto de Cinema, em Barcelona. Êsse instituto, é patrocinado por entidades barcelonesas que desejam desenvolver a aprendizagem técnica e artística.

Neste momento, efectua-se a selecção dos professores que preencherão o quadro.

Espera-se que o Instituto possa abrir as suas portas no início da época académica.

«Animatógrafo» congratula-se com a decisão dos barceloneses, que só os honra e beneficiará o cinema do país amigo.

«Objectiva»

Recebemos o número de «Objectiva» referente a Agôsto e que se apresenta muito cuidado e com boa colaboração.

Os nossos agradecimentos.

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1021 — KALLIKRATES *Lisboa)*. — A primeira versão de *O Prisioneiro de Zenda* teve êsses artistas como protagonistas. Aqui tens satisfeita a pregunta. Faço votos por que ganhes a aposta...

1022 — LOVE-SICK *(Pôrto)*— Tens razão, quanto ao teu pseudónimo. Foi gralha. Um *D* por um *S*. — Deves inscrever-te no «Clube do Animatógrafo». Se não tiveres vantagens imediatas, poderás tê-las dentro de alguns dias. — Tomo nota de que me vais escrever semanalmente. Transmito as tuas saudações a *Princesa dos Diabretes*.

1023 — UMA CINÉFILA EBORENSE *(Évora)*. — Respondo à tua terceira carta. Quere dizer: esta é a minha terceira resposta. Se a matemática não engana e os correios não nos pregaram partida, não pode ser doutro modo. — Folgo por que os empresários de Évora, «para vos adoçar a bôca» (como tu dizes) de vez em quando vos dêem bons filmes. Enquanto fôr de vez em quando, a coisa não vai mal. — Noto que gostaste tanto do casaco com que a Loretta Young aparece na foto que publicámos, que mandaste fazer um igual. Vv. podem aproximar-se das estrêlas, na questão de vestuário. Nós, os homens, não temos essa solução sequer. Os astros, mesmo os mais célebres, vestem tal qual ou pior do que nós.

1024 — REY... SEM TRONO *(Lisboa)*. — Muito «surrealista» o desenho da Garbo que figura no alto da página em que me escreves. — Não sei, francamente, onde pára o Fernando Gravey. — Dos filmes que citas, *Robin Hood* detem o récord de permanência no cartaz. — Êste leitor saúda *I am the Queen*.

1025 — M. C. A. M. *(Lisboa)*. — Transmiti a tua carta oportunamente a quem de direito.

1026 — ROBIN. — Noto que recebeste, duma assentada, fotos autografados de Myrna, de Eleanor Powel, de Deanna e de Claudette. Estou como tu, convencido de que elas se combinaram. Sem receio de errar podemos reconstituir a cena: estavam tôdas a fazer «crochet» em casa da Myrna e a Eleanor disse com entusiasmo: «sabem quem me escreveu hoje?! Foi o «Robin!» A Myrna, a Deanna (que a esta hora deve estar a fazer um casaquinho côr de rosa...) e a Claudette exclamaram com entusiasmo: «a mim também». E, logo ali concertaram o plano: «Vamos escrever-lhe ao mesmo tempo para dar uma alegria ao rapaz». Se não foi assim, foi quási...

1027 — DOIDO COM JUIZO *(Montemor)*. — Êste nosso amigo e leitor transmite o pedido dum correspondente espanhol que tinha o maior desejo de trocar correspondência com cinéfilas portuguesas. Se alguma leitora quiser escrever-lhe poderá fazê-lo, na nossa língua, para José Sanchez Rodriguez — Conto — 21 — Vigo — Espanha. — Custa-me a crer que aos dez anos fôsses por tua iniciativa e amor à Arte, um assíduo frequentador das nossas salas.

1028 — ÓSCAR DE LEMOS EM RIO MAIOR *(Rio Maior)* — Não vendemos fotos de artistas de cinema. — Qual o assunto que deverias versar, quando escreveres a uma leitora da nossa revista? «A influência da pesquisa do volfrâmio no trabalho braçal» ou então, «A relação existente entre os vasos sanguineos do corpo humano e a pressão na estratosfera». Qualquer dêstes dois temas deverão deixá-la encantada. — Podes escrever a tôdas as artistas portuguesas por intermédio da nossa revista. — *Óscar de Lemos em Rio Maior* (pelo pseudónimo não perca!) deseja corresponder-se com *Donalda, Duas Alentejanas Intimas, Pinocchia* e *Antinea I*.

1029 — GARY COOPER EM ERMEZINDE *(Pôrto)*. — George Formby é senhor dum nariz descomunal e o ídolo do público britânico. Mal comparado é a Hermínia Silva de Londres... Apareceu, entre nós, no curiosíssimo filme *Paraizo para dois*, que foi estreado no Central, e que passou quási despercebido das platéias alfacinhas. — Gene Autry foi classificado em primeiro lugar na lista dos «cow-boys» e não na lista geral dos actores. — Shirley não é, nem nunca foi anã. Essa «balela» foi lançada pelos «publicity-men», quando a sua estrêla começou a empalidecer... E, afinal, não foi isso que a salvou... — O *Inácio da Purificação*, cinéfilo de àquem e de além-mar, é o Inácio da Purificação, *tout-court*...

1030 — ZÉ MANEL *(Lisboa)*. — Calculo o teu desânimo! Se, ao fim de três semanas protestavas, agora, pela certa, não tens palavras com que possas classificar a demora das minhas cartas. Tem paciência, amigo! É tudo quanto te posso dizer. — O problema das separatas está resolvido por natureza. E fico esperando novas cartas tuas.

1031 — I AM CHARLES BOYER *(Coimbra)* — O *Feiticeiro de Oz* foi, quanto a mim, uma das grandes «sensações» da temporada. Pena foi que êle, em Portugal, não encontrasse, por parte do grande público, a admiração a que tinha jus. — Maria Domingas ainda há bem poucos dias me confessava que cumpre, religiosamente, o preceito n.º 1 duma vedeta: «Não deixares de dar a melhor atenção e de responder às cartas e pedidos dos teus admiradores». Estou certo que, a estas horas, já tens a ambicionada foto.

1032 — MORENO ROMANTICO *(Lisboa)*. — Fiquei ciente de que és moreno, romântico e que tens 1,73 m. de altura. — Como moreno, poderás servir de «beduíno» na figuração cinematográfica; a condição de romântico autoriza-te a publicar um livro de versos, sem incorreres nas sanções penais; finalmente, com 1,73 m. poderás concorrer a polícia. — Podes escrever à Dorothy Lamour para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. — Quantas vezes esteve casada? *(sic)* Suponho que uma apenas. Ouvi dizer que ela ia divorciar-se mas ignoro se levou tais propósitos por diante... Em Hollywood, desde que soube que o Jackie Coogan trocou a Betty Grable por outra loiraça qualquer tudo é possível, até uma pessoa divorciar-se da Lamour! Aqui, entre nós, é preciso ser estúpido para dizer à Betty e à «Dothy»: «Adeus. Façam outros felizes, parce que nous en avons assez»... — Na minha opinião a Betty Grable não se desiquilibra a dançar não senhor... É possível que vendo-a tu, sim, ficasses um pouco desiquilibrado?...

1033 — ARTUR PEREIRA *(Lisboa)*. — Impossível dar-te, neste momento, o endereço das artistas francesas a que te referes, como pensas, um autógrafo sabem onde moram.

1034 — PIMPINELA. — O tratamento que vigora nesta secção é o de «tu cá, tu lá»... De modo que espero, leitora amiga, que, pela tua parte, não queiras outro... — Podes escrever à Garbo a pedir o que tu quiseres. Não garanto, porém, que sejas bem sucedida. Sobretudo, se solicitares, como pensas, um autógrafo em português. — Êste ano, não veremos, nas nossas telas, nenhum filme da Garbo, pela simples razão de que, após *Ninotchka*, só agora é que ela voltou aos estúdios, para interpretar uma comédia que, a princípio, se chamava *Ana e Anita* e que, agora, se denomina *gémeas*.

1035 — ROBIN DOS BOSQUES *(Lisboa)*. — Transmiti, ao nosso Director, as tuas palavras de aplauso e incentivo que o *Animatógrafo* te mereceu. — Podes escrever a Judy Garland, agora em lua de mel, mesmo em português, para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

1036 — JESSE JAMES *(Lisboa)*. — Era inútil mandar a cópia da primitiva carta. Se a resposta não apareceu, *Jesse James* amigo, a razão era simples: aguardava a sua altura. — Respondo, dêste modo, à segunda carta, que era uma guia de remessa da primeira.

1037 — BOM SENSO *(Lisboa)* — A despeito de assinares «velho cinéfilo, etc.» estou convencido de que és, muito pelo contrário, uma rapariga nova... Há sinais, na tua letra, que não enganam... — Estimo que *Animatógrafo* te continue a agradar, as tuas opiniões interessam-me: são a voz do «Bom senso»...

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

(Soluções)

1 — «Esquimó».
2 — Olivia de Havilland.
3 — Dois dos seis filmes indicados foram realizados por dois directores: «Pai contra Filho» (Howard Hawks e William Wyler) e «Robin dos Bosques» (Michael Curtiz e William Keighley).
4 — Operador.
5 — «Tartufo».
6 — «Se eu tivesse um milhão».
7 — Linda Darnell.
8 — «O *cow-boy* e o rei».
9 — Gilbert Rolland.



«SANGUE E ARENA»

A 20th. Century Fox terminou há pouco uma segunda versão cinematográfica do famoso romance de Blasco Ibañez, filmada em technicolor. Tyrone Power interpreta a figura do protagonista, em que Rudolfo Valentino conquistou alguns dos seus loiros, na primeira versão. Ao seu lado veremos Linda Darnell e Rita Hayworth que triunfou clamorosamente no papel de Dona Sol, criado outrora por Nita Naldi. As fotos que publicamos mostram Tyrone e Rita, o primeiro fazendo alarde do seu garbo toureiro e a segunda do seu poder de fascinação.



Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



DON AMECHE, o simpático actor da FOX-FILMES, que voltaremos a ver ao lado de CARMEN MIRANDA, em «UMA NOITE NO RIO»

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: CLAUDETTE COLBERT